

183 Antes de cortar pessoal, empresas recorrem a férias.

O ritmo de demissões tem sido lento, exceto em empresas e setores que já vinham apresentando problemas específicos de mercado — como o de bens de capital, que depende muito do setor público. A avaliação é de Dario Guaglianone, sócio-diretor da Arthur Andersen Associados, consultoria que tem entre seus clientes algumas das maiores empresas do País.

"Não temos visto um volume drástico de demissões, e mesmo nos setores com problemas específicos os cortes estão sendo gradativos", diz Guaglianone. Ele explica que antes de optar pelo enxugamento as empresas estão antecipando as férias coletivas. E prevê que, mantida a retração de vendas após as férias, as empresas deverão de início reduzir a jornada, para só então começar demissões em maior escala. "Muitos setores já aprenderam em crises anteriores que colocar a máquina para funcionar de novo é mais traumático e oneroso", afirma Guaglianone.

Entre os setores onde o movimento de antecipação das férias coletivas é maior estão o têxtil, de

autopeças, química e petroquímica. Na área química, a Rhodia dará férias coletivas pela primeira vez em sua história para cerca de 45% do seu efetivo, ou 5.500 funcionários. A expectativa de Edson Vaz Musa, presidente da Rhodia, é retomar as atividades entre os dias 10 e 15 de janeiro.

A queda de vendas da Rhodia este ano atinge 20%. O primeiro trimestre de 91 será difícil, admite ele, mas a partir daí a expectativa é de uma melhora nas vendas, inclusive em função das exportações. "Não é possível sustentar 20% de queda por dois anos seguidos. O Brasil não agüenta dois anos neste nível de atividades", diz Musa.

A subsidiária brasileira da Rhône-Poulenc será responsável pela maior parte dos prejuízos do grupo este ano. O grupo Rhône-Poulenc estima que o PIB brasileiro não terá crescimento até 92. Apesar disso, em 91 a empresa deverá investir US\$ 75 milhões, contra US\$ 60 milhões aplicados neste ano.

Giovanna Picillo